



O que é o Musicultura? Um estudo de caso sobre um grupo de pesquisa participativa na Maré, Rio de Janeiro*

Ana Flávia Miguel**

Resumo

O grupo Musicultura (Maré, Rio de Janeiro) teve início em 2003 a partir de um projeto de pesquisa, coordenado por Samuel Araújo (UFRJ), intitulado "Samba e memória em comunidades do Complexo da Maré". Para desenvolver esse projeto o Laboratório de Etnomusicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) estabeleceu uma parceria com o Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM) com sede no conjunto de favelas da Maré. Essa parceria deu origem à criação de grupo Musicultura, constituído por jovens residentes na Maré e por estudantes da UFRJ, que propõe uma abordagem sobre o estudo da música a partir de um enfoque particular sobre música e violência ou conflito. Neste artigo faço a análise de entrevistas que realizei em 2012 e de trabalho de campo no Rio de Janeiro (2011 e 2012) e discuto o modo como os membros do grupo Musicultura definem o perfil do próprio grupo.

Palavras-chave

Etnomusicologia – etnomusicologia brasileira – pesquisa participativa – estudos urbanos – minorias – música e violência.

Abstract

The Musicultura Group (Maré, Rio de Janeiro) began in 2003 through the research project entitled "Samba and memory in communities of the Maré Complex", led by Samuel Araujo (UFRJ). In order to develop this project, the Laboratory of Ethnomusicology of the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ) established a partnership with the Center for Studies and Solidarity Actions of Maré (CEASM) based in Maré Complex. This partnership gave rise to the creation of the group Musicultura, that hosts young residents of Maré and students from UFRJ and proposes an approach on the study of music from a particular focus on music and violence or conflict. In this article I analyse interviews I carried in 2012 and fieldwork in Rio de Janeiro (2011 and 2012), and discuss how members of the group Musicultura define the profile of the group itself.

Keywords

Ethnomusicology – Brazilian ethnomusicology – participatory research – urban studies – minorities – music and violence.

* Este artigo decorre de trabalho desenvolvido entre 2010 e 2016 no âmbito do meu projeto de doutoramento, que teve a orientação de Susana Sardo e a co-orientação de Samuel Araújo, e representa um subcapítulo da minha tese de doutoramento (não publicada) e que se intitula "Skopeologias: músicas e saberes sensíveis na construção partilhada do conhecimento". O financiamento é proveniente de fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia, I.P., Projeto com Ref. SFRH/BD/72682/2010 e Projeto com Ref. UID/EAT/00472//2013-INET-MD.

** Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal. Endereço eletrônico: anaflavia@ua.pt.

Artigo recebido em 9 de dezembro de 2018 e aprovado em 17 de dezembro de 2018.



Olá Patrícia e olá a todos,

As cotas raciais é um tema que me apanhou de surpresa; não tinha a mínima ideia da existência desta discussão no Brasil. Ao ver o documentário fiquei “sem fala”!! Não consegui elaborar uma opinião ou uma posição. Depois disso tenho conversado com algumas pessoas sobre o assunto e também tenho pensado na realidade portuguesa que, apesar de incomparável, é a “minha realidade”. Lembro-me que havia (não sei se ainda existe) uma coisa chamada “contingente especial” (que vai dar ao mesmo que cotas) para os alunos residentes nas regiões autónomas da Madeira e dos Açores entrarem na universidade. Se a minha memória não me falha a razão invocada era a “insularidade”. A verdade é que quando eu era pequena e ia ao hospital do Funchal praticamente nenhum médico falava com o sotaque madeirense. Hoje em dia, a maior dos médicos são madeirenses... É justo para os alunos continentais? É justo para os jovens continentais que vivem em regiões tão afastadas e tão isoladas como os madeirenses? Este exemplo serve de paralelo? Não, mas pelo menos permitiu-me pensar que a discussão das cotas em Portugal nunca foi tão “acesa” como a que acontece aqui. E porquê? Porque não estamos a falar de raça... presumo eu! Mas voltando ao Brasil...

Uma das hipóteses que coloquei é que as cotas sociais poderiam ser mais justas e menos “racistas” do que as cotas raciais. E esta também é a opinião de alguns moradores da maré. Fica então o problema da definição de “classe social”... (desafio que já me foi lançado pela professora Susana). Hoje, ao interrogar o professor Samuel Araújo sobre o assunto ele me explicou que a UFRJ optou pelas cotas sociais. Que o debate foi grande e que, a certa altura, foi promovida uma sessão pública com pessoas do pró e do contra. Quando alguém questionou um sociólogo da UFRJ (que é a favor) sobre como distinguir as pessoas pelas classes sociais ele respondeu: “Vão à Vieira Souto e observem os porteiros desses prédios. Apenas com o olhar eles distinguem quem mandam entrar pela porta social ou pela porta de serviço!!” Eu estou a viver na bendita (ou maldita...) Vieira Souto. O meu prédio tem vigilância e grades por todo o lado, duas



bancas de porteiros (quase todos negros ou pardos) e os rapazes que limpam as áreas sociais. De facto, estes porteiros demonstram ter um olhar “clínico”... E isto é a imagem de um Brasil que eu não imaginava. Outro episódio aconteceu na UFRJ. Também lá há duas bancas com porteiros. No primeiro dia em que entrei na universidade ninguém me mandou parar, ninguém me perguntou nada. Porque razão eu nunca fui abordada? É a cor da minha pele? Ou serão os tais sinais de “classe social” que os porteiros da Vieira Souto parecem distinguir e que eu não sei em que consistem? Se eu acho que aqui as pessoas têm todas as mesmas oportunidades de demonstrar as suas capacidades ou mérito? Não, não acho. As desigualdades são muitas e muito grandes e as crianças fazem uma “corrida” desigual. Nas favelas com as quais tenho tido contacto verifico que as escolas fecham sempre que há tiroteio. Na semana passada houve 3 vezes tiroteio... Três dias sem aulas.

Para já, e sem responder à tua pergunta, estes são os pensamentos que tenho tido. Na UFRJ instituíram as cotas sociais (40%) e parece que a “condição” social é medida através do rendimento familiar e através da frequência do ensino público.

Em relação à população “disfarçadamente” analfabeta que pode “eventualmente” governar, devo confessar que não é uma preocupação minha. Vejo governantes, supostamente com formação académica, a fazer tantas asneiras que me parece que a boa formação humana pode ser um factor mais distintivo de boa governação do que tudo o resto!

Finalmente, deixa-me dizer a ti, ao Alex e à Flávia que agora vos “conheço” melhor. O Brasil é um país cuja realidade escapa totalmente aos portugueses que nunca aqui vieram. E é um país maravilhoso e cheio de desafios.

Beijinhos, Ana

P.S. - O “calorzão” ainda não chegou aqui e ainda não experimentei este mar fantástico¹.

¹ Transcrição do email que enviei para o grupo Google constituído por professores e doutorandos em etnomusicologia da Universidade de Aveiro, 22 de setembro de 2011.



Em agosto de 2011 fui para o Rio de Janeiro para trabalhar durante seis meses com o meu coorientador de doutoramento, Professor Samuel Araújo, e para participar no quotidiano do grupo Musicultura². Já conhecia pessoalmente alguns dos membros e ex membros do grupo e já conhecia alguma literatura que o grupo Musicultura e investigadores a ele associados tinham publicado. Mas desconhecia muitas coisas. Desconhecia como funciona na prática e no dia a dia um grupo de pesquisa participativa, desconhecia o contexto de uma favela e desconhecia o contexto do Rio de Janeiro. Através deste email, que foi escrito após ter visualizado o documentário “Raça humana” e a propósito da discussão que acontecia no Brasil sobre “cotas raciais”, é possível perceber algumas das questões que chamaram mais a minha atenção nos primeiros meses no Rio de Janeiro: cotas raciais, raça, classe social, violência.

Há outras situações, outros conceitos e outras palavras novas para mim e que estão mais diretamente relacionadas com o quotidiano da e na Maré. Apresento de seguida um excerto de um relato, que escrevi no meu caderno de campo, a propósito da ida a um ensaio de um bloco de carnaval na Maré:

Acabei de chegar do ensaio do bloco. Na realidade acho que hoje fiz algo que poucos fariam... Fui sozinha para lá e domingo é dia de muito pouco movimento. A certa altura o céu ficou muito escuro e caiu uma chuvada de verão com trovoada à mistura e nisto, o tempo foi passando, e ficou noite cerrada. No regresso vim até um determinado ponto da favela de “carona”. Passámos por “points” (esquinas de rua ontem estão os “olheiros” armados). As ruas têm lombas (feitas pelos bandidos) tão altas que para passar o carro raspa todo por baixo e à noite temos que desligar os médios e os mínimos, ou mesmo ligar a luz interior do carro para passar nas ruas da comunidade e nos “points”. Se as fronteiras entre comunidades constituem fronteiras, também eu senti estas lombas e as esquinas com pessoal armado como mais fronteiras! É impressionante como a noite transforma os lugares e os sentimentos que temos ao passar por eles... (Notas de campo, 9 de fevereiro de 2012).

² Faço um agradecimento muito especial ao Grupo Musicultura, em particular ao Alexandre Silva, à Dayana Silva, ao Diogo Nascimento, à Elza Carvalho, ao Fábio Monteiro, à Mariluci Nascimento, ao Sinésio Silva, e ao Kleber Moreira, pelo modo como me acolheram no Musicultura e pela disponibilidade para fazer as entrevistas.



“Points”, “fronteiras”, BOPE³, caveirão⁴, tiroteio são palavras que passaram a incorporar o meu vocabulário. Acordar de manhã para ir para a reunião do grupo Musicultura e ser avisada para não ir porque a Maré estava a ser invadida pelo BOPE ou sobrevoada por helicópteros é algo que nunca tinha vivido. Tal como foi para mim perturbante, por exemplo, ouvir relatos de jovens moradores da Maré a explicar como uma criança tinha morrido “com uma bala perdida” ao sair de casa para ir comprar pão. Esta é a versão que nenhum jornal ou estação de televisão publica. E este não é um exemplo isolado. Sobre situações como esta, um grupo de jovens da Maré (ao qual pertencem pesquisadores do Musicultura) criaram um evento denominado “Maré de Rock – Pela vida contra o extermínio” que tem como objetivo chamar a atenção para o assunto. Num dos vídeos de divulgação do evento⁵ é possível ver denunciados muitos outros casos semelhantes.

Esta é uma realidade que nunca vivi em Portugal. Percebi que a gravidade de algumas situações na Maré era abissalmente diferente e incomparável com a gravidade das situações que aconteciam em Portugal em geral, e na Kova M em particular. Percebi a inevitabilidade de o grupo Musicultura estar tão motivado e interessado em pesquisar sobre o tema música e violência. E percebi a importância de haver um espaço no qual hierarquias são quebradas para dar lugar a um diálogo horizontal. Um espaço no qual todos os jovens sintam que é possível construir um mundo diferente mesmo que esse mundo diferente possa ser uma utopia ou que reconheçam que esse mundo já não será o mundo no qual eles irão viver.

O grupo Musicultura, sedado no conjunto de favelas da Maré no Rio de Janeiro, é um grupo de pesquisa que propõe uma abordagem sobre o estudo da música, da cultura e da sociedade, a partir de um enfoque particular sobre música e violência/conflito. Sob a coordenação do Professor Samuel Araújo, o Musicultura⁶ teve início em 2003, a partir de um projeto de pesquisa sobre o samba, intitulado “Samba e memória em comunidades do Complexo da Maré”. Para tal, o Laboratório de Etnomusicologia da Universidade Federal

³ BOPE é a sigla de batalhão de operações policiais especiais. Segundo informações que constam no website, o BOPE “é uma força de intervenção da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (PMERJ), responsável por atuar em situações críticas” <http://www.bopeoficial.com/o-batalhao/batalhao>.

⁴ Caveirão é o nome dado a um veículo militar blindado habitualmente usado pelo BOPE nas intervenções que faz nas favelas do Rio de Janeiro.

⁵ O vídeo de divulgação do Maré de Rock pode ser visualizado em <https://youtu.be/P1YuaAO4MLQ>.

⁶ Apesar de o nome Musicultura ter aparecido mais tarde, porque foi um nome escolhido coletivamente pelo grupo de pesquisa, uso esta designação para mais fácil compreensão.



do Rio de Janeiro (UFRJ) estabeleceu uma parceria com o Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM) que é uma Organização Não Governamental com sede no conjunto de favelas da Maré:

a socio-politically disenfranchised area of Rio de Janeiro with an estimated population of about 135,000 people, comprising from relocated slum populations of Rio and unskilled migrant labor (the majority of which from northeastern Brazil), to a population of about 1,000 Angolan young students and middle-aged war refugees. High rates of unemployment and the profitability of drug-trafficking delineate the broader social contours in the Maré area, leading to a harsh routine of police raids, corruption, drug wars on territories between factions, and traffic-dictated curfews. (Araújo, 2008, p. 23- 24)

A equipa do laboratório de Etnomusicologia é constituída por Samuel Araújo e por alunos de graduação e pós-graduação da Escola de Música da UFRJ, entre os quais Vincenzo Cambria. Foi esta equipa que começou a trabalhar na Maré em conjunto com Alexandre Dias, à data a trabalhar no próprio CEASM, como mediador desse processo. Alexandre fez o acolhimento do projeto, no sentido de mostrar os acervos da Rede Memória, e fez o papel de mediador, no sentido de ajudar a constituir a equipa de pesquisadores de jovens moradores. A relação de proximidade que se estabeleceu entre Alexandre Dias e a equipa da UFRJ acabou por motivar a entrada de Alexandre para o grupo de pesquisa. Sendo profundo conhecedor da comunidade e dos jovens estudantes, pelo trabalho que desenvolveu como formador nos cursos de preparação para o vestibular, Alexandre teve um papel importante na divulgação do projeto e na captação e seleção das pessoas para o Musicultura:

Quando o Samuel veio para fazer a proposta para a Rede Memória [...] me indicaram para ser o interlocutor, a pessoa que iria falar. [...] E aí eu me lembro que era o Samuel, o Vincenzo, o Miro e a... esqueci o nome dela. [...] E aí a rede Memória me indicou para ser a pessoa que iria trabalhar com eles. [...] iria dar a eles o acesso aos acervos, e orientá-los a quem procurar aqui na Maré, quem poderia conhecer sobre música, quem eram as pessoas mais antigas. [...] Na verdade, nesse processo, acabei virando membro mais do Musicultura do que da Rede Memória. E passei a ajudar no processo de seleção das



novas pessoas. [...] E aí assim se formou o grupo. As pessoas que vieram independentes, que viram o cartaz, ou as pessoas que eu chamei, e essa galera do Adolescentro. Foi assim que eu entrei. [...] Mas confesso que eu não entendia nada também do interesse dessas pessoas que iam fazer essa pesquisa “Samba e Coexistência”. (Dias, 2012)

O Musicultura é assim constituído por pesquisadores seniores, alunos da Escola de Música da UFRJ e por jovens estudantes⁷ habitantes na Maré, que é também o universo de estudo dos pesquisadores/pesquisados. O projeto que deu origem à criação do grupo de pesquisa, e cujos objetivos específicos são a documentação da diversidade e das memórias musicais das comunidades e a construção de um arquivo local (Cambria, 2004), acabou por constituir o mote para a construção de um grupo e de uma discussão que foi muito para além do próprio projeto:

O trabalho que estamos desenvolvendo na Maré (de início, limitadamente às comunidades do Morro do Timbau e da Nova Holanda) tem como objetivo, através de um diálogo entre academia, entidades comunitárias e seus moradores, a produção de um conhecimento sobre os múltiplos significados que as práticas musicais desenvolvidas nestas comunidades articulam (o samba representa só um ponto de partida e, poderíamos dizer, de “contraste”). Através de um diálogo efetivo com um grupo de 20 jovens dessas comunidades, este projeto visa promover um olhar crítico sobre seu cotidiano e sua memória e contribuir para a consolidação de uma consciência reflexiva sobre o papel das práticas musicais na sua sociabilidade e na elaboração, definição e negociação de identidades particulares e das fronteiras que as separam (Cambria, 2004, p. 6).

A abordagem baseada nos métodos de pesquisa-ação participativa usada pelo grupo, a partir da proposta pedagógica de Paulo Freire, constitui o pilar fundamental através do

⁷ Os membros do Musicultura são jovens residentes na Maré e estudantes do ensino fundamental e ensino médio e, ainda, estudantes do ensino superior.



qual os investigadores colocam em questão hierarquias estabelecidas e propõem uma produção do conhecimento partilhada com a comunidade. A sua metodologia de trabalho inclui duas reuniões semanais. Essas reuniões foram, nos momentos iniciais do grupo, mediadas por estudantes universitários de pós-graduação:

Seguindo princípios de construção participativa de conhecimento formulados por Paulo Freire (1970) [...] os estudantes da universidade não-residentes, com formação básica anterior em pesquisa convencional e mais familiarizados com a literatura acadêmica, vêm atuando como mediadores de discussões, das mais básicas às mais progressivamente complexas [...] Mesmo não estando familiarizados com discussões acadêmicas sobre o poder da representação, ou sobre as lutas discursivas da pós-modernidade, os participantes em tais discussões assimilam muito rapidamente a complexidade do processo em que se veem engajados, e os resultados, em termos de verbalização, são muito ralos por meses a fio. (Araújo, 2009b, p. 182)

As estratégias de trabalho eram discutidas entre os mediadores (alunos da UFRJ) e o coordenador do projeto em momentos de trabalho que intermediavam as reuniões do Musicultura:

As impressões colhidas eram, a tempo, transformadas em anotações escritas que alimentariam discussões metodológicas em encontros entre os mediadores e o coordenador do projeto (este autor) nos interstícios dos dois encontros semanais do grupo mais amplo. Nestes, o conteúdo do debate poderia variar, por exemplo, de uma análise explícita e detalhada de uma festa dançante promovida por um morador, a menções indiretas, comumente cifradas, à “guerra” de invasão de uma das comunidades por determinada facção criminosa. Observando esses quadros, os mediadores universitários desenhavam, em debate com o coordenador, estratégias de estímulo à reflexão no encontro seguinte. (Araújo, 2009b, p. 183)



Do ponto de vista metodológico, as discussões e reflexões que aconteceram no Musicultura foram também caracterizadas pelo uso de dois instrumentos de ação sobejamente defendidos por Paulo Freire. Por um lado, a gestão do “silêncio significativo” e, por outro lado, a identificação de “temas gerativos”. Segundo Samuel Araújo, o silêncio significativo foi ultrapassado lentamente, primeiro através de “curtas intervenções verbais” (*ibid*) e, mais tarde por “discussões acaloradas que progressivamente reduziam o tempo e modificavam a natureza da intervenção dos mediadores externos” (*ibid*). Ao longo do tempo, os próprios membros do grupo Musicultura começaram a propor temas de discussão (temas gerativos) e criaram uma dinâmica de trabalho que se transformou e que de alguma forma ganhou autonomia na gestão do cotidiano, tanto no que diz respeito aos temas e às discussões como à organização de tarefas do próprio grupo. Apesar de a equipa da UFRJ continuar a coordenar o projeto e de partilhar com o grupo propostas de atividades, de publicações ou de participações em congressos, por exemplo, é o coletivo que estabelece a sua própria agenda. É o coletivo que decide as regras de funcionamento e é também o próprio coletivo que periodicamente faz uma avaliação do desempenho do grupo bem como de cada um dos membros individualmente.

A descrição que acabei de fazer do grupo Musicultura é uma descrição formal. Parece-me pois mais interessante descrever o que é o Musicultura a partir das palavras dos seus membros.

O MUSICULTURA NA PRIMEIRA PESSOA

Em fevereiro de 2012 realizei oito entrevistas a membros e ex-membros do Musicultura. Uma das questões que mais me interessava era a forma como os membros do Musicultura definiam o próprio grupo. Na verdade, era também uma pergunta para a qual tinha dificuldade em encontrar uma resposta. E parece que muitos destes jovens sentem a mesma dificuldade:

É complicado responder! Até porque às vezes quando você define certas coisas você limita muito, né? Eu acho que não dá para limitar o grupo porque eu acho ele é tão amplo, sabe? (Elza Carvalho, 6 de fevereiro de 2012)

Eu acho que a gente já fez tantas coisas aqui, assim... Num momento a gente está fazendo uma coisa, mas assim... o que a gente já tem feito, o que a gente já voltou a fazer, sabe? Eu acho que assim quanto tempo você fica mais você vai assimilando melhor como funciona o



processo das coisas. **Mas é um pouco difícil assim definir.** (Diogo Nascimento, 2012, **negrito meu**)



Figura 1. Imagem da entrevista a Elza Carvalho e a Diogo Nascimento, Rio de Janeiro, Brasil, 6 de fevereiro de 2012. Fotografia de Ana Flávia Miguel.

É uma frase curta mas eu acho que para mim não é tão fácil de responder o que é o Musicultura. É tudo o que eu te disse. Acho que a melhor maneira de entender o que é o Musicultura é estar aqui. **Para mim é difícil definir isso.** (Kleber Moreira, 2012, **negrito meu**)



Figura 2. Imagem da entrevista a Kleber Moreira, Rio de Janeiro, Brasil, 13 de fevereiro de 2012. Fotografia de Ana Flávia Miguel.

O Musicultura é uma espécie de reflexo do que foi quando eu dancei. Porque quando eu dançava não sabia dizer que dança eu dançava (risos). E quando entrei para o Musicultura, as pessoas perguntavam “Ah, mas o que é que é o Musicultura?”. E eu, “e agora, como é que vou explicar?” (Dayana Silva, 8 fevereiro 2012, negrito meu)



Figura 3. Imagem da entrevista a Dayana Silva, Rio de Janeiro, Brasil, 8 de fevereiro de 2012. Fotografia de Ana Flávia Miguel.

As respostas dos membros do Musicultura mostram que a pergunta “O que é o Musicultura?” gera impacto e nalguns casos provoca um confronto entre o modo como o grupo é apresentado nos contextos académicos e o modo como cada um dos membros define o grupo individualmente. Há membros que focam mais a atenção em alguns aspetos, tal como a metodologia, e há outros membros que tentam encontrar uma descrição do grupo que englobe tudo o que consideram que o Musicultura é. De uma forma geral as respostas refletem: 1) o perfil do grupo, 2) o universo de estudo, 3) a metodologia, 4) os diferentes tipos de conhecimento produzido (científico, social, coletivo, individual, político etc).

Quanto ao perfil, o Musicultura é definido como um grupo de pesquisa, como um grupo de formação política e como um grupo de formação/educação:

Vou responder o que a gente sempre coloca nos artigos. O Musicultura é um grupo de pesquisa formado por moradores... (risos). **É um grupo de pesquisa. Que não faz só pesquisa, mas é um grupo de pesquisa.** (Mariluci Nascimento, 8 fevereiro 2012, negrito meu)



Figura 4. Imagem da entrevista a Mariluci Nascimento, Rio de Janeiro, Brasil, 8 de fevereiro de 2012.
Fotografia de Ana Flávia Miguel.

Eu acho que o Musicultura é, não necessariamente nessa ordem, ele é um **grupo de pesquisa e é um grupo de formação política.** (Sinésio Silva, 2012, negrito meu)



Figura 5. Imagem da entrevista a Sinésio Silva, Rio de Janeiro, Brasil, 7 de fevereiro de 2012. Fotografia de Ana Flávia Miguel.

O Musicultura na verdade é muita coisa. No início eu achava que o Musicultura fosse um curso de extensão da universidade que ia pesquisar música. Aí eu acho que continua **um curso de extensão da universidade para pesquisar música**. Só que aí, no processo, começou a ser um **grupo de formação política**. As pessoas têm formação crítica, na verdade. Formação crítica que acaba se refletindo numa formação política. Então, um grupo de pesquisa com uma formação crítica. E aí, de um grupo de pesquisa para uma formação crítica, acabou virando **um grupo de discussão de educação**. (Alexandre Silva, 2012, negrito meu)



Figura 6. Imagem da entrevista a Alexandre Silva, Rio de Janeiro, Brasil, 13 de fevereiro de 2012. Fotografia de Ana Flávia Miguel.

Como eu vejo o Musicultura? Eu vejo o Musicultura como **um grupo de pesquisa** onde a gente trabalha para o coletivo. Onde não há, sabe, um presidente ou um coordenador que diga o que você vai fazer. A gente decide o que é que vai pesquisar. Então é um coletivo de autogestão. Ao mesmo tempo que a gente faz pesquisa, academicamente falando, dentro da Maré, que é onde a gente mora, a gente também é **um grupo de militância**. (Fábio Monteiro, 2012, negrito meu)



Figura 7. Imagem da entrevista a Fábio Monteiro, Rio de Janeiro, Brasil, 8 de fevereiro de 2012. Fotografia de Ana Flávia Miguel.

Já quanto ao universo de estudo e aos temas de discussão são referidos a Maré, as práticas musicais na Maré, a sociedade, as relações sociais e opressoras:

Um grupo de pesquisa porque está interessado em **produzir conhecimento sobre a Maré, sobre as práticas musicais da Maré**. E acho também que é um grupo de formação política porque aqui, associado às pesquisas sobre a Maré, sobre a música na Maré, sobre as práticas musicais na Maré, há sempre uma preocupação em desenvolver um **conhecimento crítico sobre isso e no que é que nós podemos colaborar para a melhoria da situação local e o mais amplo possível**. Estou pensando na cidade, né? (Sinésio Silva, 7 de fevereiro de 2012, negrito meu)

Então, o Musicultura está aqui dentro da..., é um projeto alocado dentro da escola de música mas **o que eu entendi dentro da minha experiência trabalhando com o Musicultura é que na verdade a música é só um pretexto, a música é o... é o... é a nossa... é o nosso ponto de partida para discutir o mundo**. Porque acho que a música



está envolvida com tradições, está envolvida com religião, está envolvida com gosto pessoal, está envolvida com lembrança. A música, para a maioria das pessoas é uma coisa muito importante, muito íntima. **O Musicultura não é um projeto de música, a gente estuda a sociedade através da música.** Como é que a gente faz isso? **Ah, por exemplo, a gente estuda os estilos musicais ou gêneros.** Quando a gente fala do forró, dentro do contexto da maré. A maré foi construída por nordestinos, aí a gente já fala das pessoas, em que é que essas pessoas vieram trabalhar, como é que são as condições de vida dessas pessoas aqui ou em outros lugares. **A música é o ponto de partida para você discutir relações discutir a sociedade, discutir política.** [...] E aí a gente começa a falar de coisas que também a gente acredita, que fazem parte da nossa formação pessoal, que ensinaram para a gente, e ali a gente começa a analisar de várias outras formas. **Então, o MC é através da música analisar a sociedade que a gente vive.** (Dayana Silva, 8 fevereiro 2012, negrito meu)

O uso da pesquisa-ação participativa como método central do grupo parece ser um dos aspectos mais significativos para os membros do Musicultura tanto no plano individual como no plano coletivo. Os membros entrevistados referem-se fundamentalmente ao modo como ele permite diluir hierarquias, tomar decisões coletivas e ao mesmo tempo sentir que cada voz individual tem importância no grupo. Neste sentido alguns membros referiram a importância que a experiência de participação no grupo teve nas suas vidas, no seu cotidiano, no desenvolvimento individual:

Na minha vida teve uma importância muito forte. Acho que na vida de muita gente. [...] a gente conseguiu no Musicultura colocar em prática várias coisas que a gente acreditava e que na maioria dos espaços é impossível você colocar em prática, sabe? E no Musicultura isso é possível. Eu acho que isso é uma coisa que assim, que mexe muito comigo. **O Musicultura até hoje, para mim, é uma coisa muito importante.** Muito, muito, muito importante. No ano passado eu resolvi parar de ir ao Musicultura, aos encontros. [...] Eu parei de ir também por conta do trabalho [...] Porque não tem como



you being in Musicultura and you not getting involved. [...] Here, I am an ex-musiculturense since last year. Because it is that I am talking about being an ex-musiculturense is a bit complicated? [...] **Eu acho que o Musicultura, ele viabiliza um jeito de estar no mundo que é o jeito que eu acredito que todo o mundo deveria viver, entende? Essa coisa da construção coletiva, a gente vê que é viável.** [...] It is possible even. I think that in Musicultura this is very strong, since the beginning. [...] the people see that it is possible to build collectively. People with different levels of education. And the people see also how ridiculous the traditional education that people have in school. E... what is that happens. I think that the Musicultura, it has a model of functioning that I think that it should exist in all fields of life, right? It is not only in... In work it should be like this, in school it should be like this, research groups should be like this, churches should be like this. In all places that I think that people relate to if it were like this it would be much more interesting. **Porque eu acho que a gente cresce muito assim. Você cresce muito não... é, não só o grupo cresce mas você como indivíduo cresce, sabe? Você se fortalece muito com o outro.** I think that... it is, it is. I think that this thing of building collectively, respecting the difference... because this is also very legal in Musicultura, that people are not equal, they are absolutely different. [...] Then the people grow a lot, like this, I think. This is that I think that is the most legal. **Que mudou muito a minha vida, e que hoje ainda interfere muito porque hoje ainda tenho como modelo de jeito de estar no mundo, sabe?** In the way of relating to other people, the way of building the collective work in most of the places that I am. Until today in everything that I try to do the most collectively possible. Because I think that the people grow more like this. (8 February 2012, bold mine)

In the collective plane, I highlight the way in which the knowledge produced by Musicultura can originate forms of social participation, of exercise of an active citizenship, constituting in this way a factor of change and of social transformation:



Eu sei que é um grupo em que eu aprendo, **em que eu me torno um pouco mais humano**. Em que eu aprendo a recuperar esse **senso de coletividade**. A resgatar um pouco mais o **espírito solidário**. E a recuperar o diálogo. Né? **O diálogo. É viver em democracia**. Aprender o que é uma experiência mais democrática. Porque a nossa sociedade é uma sociedade que não dá muito espaço para isso. [...] A lei do mais forte é a lei que impera, né? Há a hierarquia, há a ordem, na verdade significa a ordem do mais forte. [...] E eu acho que o grupo traz essa possibilidade de a gente se enxergar mais de igual para igual. Essa **horizontalidade**. O Samuel, por exemplo, ele é o nosso orientador. [...] E tem coisas que realmente acho que é ele que acaba se responsabilizando. Algumas coisas, uma coisa ou outra, acaba sendo ele que assina. Mas eu acho que a construção do grupo, o modo como o grupo vai trabalhar e se organizar é a gente que define. Muitas das vezes ele não acha que seja o melhor caminho, no entanto, como a gente tenta estabelecer uma relação diferente, essa **relação mais Paulo Freiriana baseada na horizontalidade e no diálogo**, ele por exemplo muitas vezes acata. Eu coloco ele como exemplo porque ele é, do ponto de vista hierárquico, ele seria o topo da cadeia. Ele é o professor doutor. [...] É claro que a gente tem a etnomusicologia como o mote. Só que a gente abre o leque para um ângulo que muitas das vezes as pessoas nem acham que a gente está trabalhando com a etnomusicologia. Mas a nossa concepção de etnomusicologia ela é muito mais ampla do que se pode imaginar quando você tem ali algo muito restrito. **Então a gente fala sobre violência policial e música. E produção de conhecimento na Maré. E isso tudo, na verdade, é fruto das pessoas que estão aqui. Somos nós que escolhemos fazer essa pesquisa. Somos nós que escolhemos tratar desse tema. Falar sobre essas pessoas, sobre essas manifestações musicais, sobre essas relações sociais. Fomos nós que escolhemos. Fomos nós que fomos a campo e elaborámos tudo isso**. Claro que o Samuel, ele tem um conhecimento muito amplo em etnomusicologia e está sempre ali olhando, orientado a gente, mostrando um ponto de vista aqui, outro ali e tal. Mas é



assim, de uma maneira geral não é ele que determina o que você trabalha. **Quem determina é o grupo,**(Kleber Moreira, 13 fevereiro 2012, grifo meu).

É um grupo que luta pela igualdade social dentro de um país historicamente com desigualdades. **Eu sei que isso não vai mudar de um dia para o outro, talvez eu envelheça, morra e não tenha mudado. Mas o Musicultura é uma forma de eu estar lutando por isso. E deixando para aqueles que virão, a continuar.** Eu tenho em mente que eu não consiga talvez concluir o trabalho que eu gostaria de concluir, mas eu sei que é um passo porque sou historiador. É a minha área, eu sei que as coisas demoram tempo para mudar, sim. Historicamente falando, trinta ou quarenta anos é muito pouco. Mas estes trinta anos são importantes para a geração que vem à posteriori. Então para mim, o Musicultura é esse grupo militante de pesquisa que eu estava falando mas **é um grupo que também é capaz e está deixando um legado não só para a Maré mas para as comunidades do Rio de Janeiro inteiro.** (Fábio Monteiro, 8 de fevereiro de 2012, negrito meu)

A gente aqui já ajudou, como eu disse, **em debates sobre habitação, sobre remoção.** A gente participou na fundação de uma associação **de moradores** aqui, enquanto militantes. A gente participa no “Grito dos Excluídos”. **A gente já foi na escola do MST debater com o MST,** que é um movimento de esquerda, mas que tinha uma visão muito conservadora em relação à música, preconceituosa com o Funk, com o Pagode, sabe? E como uma coisa muito de música clássica [...] **A gente já escreveu livros,** assim, artigos de livros, **escrevemos muitos artigos para congressos,** já participou de congressos, **já participou de movimentos sociais, participou durante algum tempo do “Pela vida, contra o extermínio”** que é um movimento de direitos humanos, participou durante algum tempo dele. [...] **a gente ajudou a construir o “Maré de Rock”. Ajudou a construir o próprio bloco “Se benze que dá”.** [...] A gente já discutiu política direta aqui, por



exemplo, candidato fulano é melhor que o candidato sicrano, como é que a gente faz? Vai fazer campanha para o candidato sicrano? Vamos, vamos sim. Aí vamos à rua... [...] **A gente fez campanha contra o caveirão aqui. A gente fez pesquisa de campo.** (Alexandre Dias, 13 de fevereiro de 2012, negrito meu).

Desde 2003 dezenas de jovens pesquisadores da Maré e da universidade integraram o Musicultura. Alguns tiveram bolsas, outros participaram de forma voluntária e outros permaneceram voluntariamente no grupo após o término das bolsas. Algumas destas pessoas fizeram graduações e pós-graduações em música/etnomusicologia ou em outras áreas científicas, sendo que muitas destas dissertações focam assuntos relacionados com a Maré. É disso exemplo a dissertação de mestrado em música de Alexandre Dias da Silva, sobre as oficinas musicais que acontecem no conjunto de favelas da Maré (Silva 2011), a monografia de licenciatura em Serviço Social de Elza Carvalho intitulada “O Rock na Maré: repressão no contexto da ocupação militar” (2016) ou a tese de doutoramento de Vincenzo Cambria (2012) sobre o papel da violência na vida musical da Maré.

A produção do Musicultura desde 2003 está fundamentalmente centrada na produção de artigos acadêmicos e na participação em congressos. Um dos eventos anuais em que o Musicultura participa obrigatoriamente são as Jornadas de Iniciação Científica da UFRJ, evento no qual o grupo já obteve o prêmio de melhor apresentação (ver Figura 8).

Só para mencionar alguma da produção acadêmica, refiro a participação em dezenas de congressos nacionais e internacionais e a publicação de artigos em livros e em revistas científicas em publicações nacionais e em algumas das mais prestigiadas publicações internacionais, como por exemplo a revista da SEM ou o *Yearbook for Traditional Music* (Araújo 2004, 2008, 2009a, 2009b, 2009c, 2011 e 2013) (Araújo, Samuel et al. 2006a 2006b 2010 2011a 2011b) (Araújo e Cambria 2013) (Araújo, Paz e Cambria, 2008) (Cambria, 2004, 2008, 2012).

Os ecos do trabalho desenvolvido pelo Musicultura chegaram assim a diversos lugares do mundo. O nome Musicultura é uma palavra que não é desconhecida mesmo em congressos nos quais não se fala português sendo compreendido em diversos idiomas.



Figura 8. Imagem de membros do grupo Musicultura a confraternizar após apresentação de uma comunicação nas Jornadas de Iniciação Científica da UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil, 5 de outubro de 2011. Fotografia de Ana Flávia Miguel.

Para concluir, o trabalho desenvolvido pelo Musicultura é um exemplo paradigmático das linhas contemporâneas de pesquisa em etnomusicologia (Harrison 2014, Rice 2014) no sentido em que atua a partir de princípios de responsabilidade social ou, como sustenta Samuel Araújo, na busca de uma justiça social a partir da práxis sonora. Na verdade, trata-se de um projeto aplicado num contexto socialmente fragilizado onde a violência policial, o tráfico de estupefacientes, a pobreza, as desigualdades sociais e a falta de acesso a uma educação de qualidade constituem problemas com os quais os sujeitos que habitam o universo de estudo, se debatem quotidianamente.

O uso dos instrumentos de ação defendidos por Paulo Freire, no quotidiano do grupo, gera discussões que refletem as preocupações dos pesquisadores enquanto moradores no conjunto de favelas Maré, onde o projeto é desenvolvido. Assim, o estudo do papel da música na Maré é constantemente intercetado pela desconstrução da realidade social numa busca incessante por uma compreensão do “mundo” que os Musiculturenses habitam. Esta busca, que é vital para a “sobrevivência” destes indivíduos, adquire uma grande relevância no modo como cada um descreve o grupo. A dificuldade em responder à pergunta “O que é o Musicultura” é disso exemplo.



A análise das entrevistas que realizei com alguns musiculturenses mostra que o Musicultura é um grupo de pesquisa, de formação política e de educação que estuda a música na sociedade através de uma metodologia que privilegia o diálogo, a horizontalidade, o coletivo e a “democracia”. Este processo gera (1) produção de conhecimento sobre a violência policial e as práticas musicais na Maré e (2) mudança e transformação individual através da desconstrução das relações sociais e opressoras e de ações que promovem a solidariedade. Como consequência deste processo e do modo como ele permite aceder a estados de conscientização os indivíduos adotam uma atitude mais crítica em relação à sociedade que habitam e que, de alguma forma, os oprime e transformam-se em sujeitos engajados, socialmente comprometidos em ações de militância efetiva.

REFERÊNCIAS

Araújo, Samuel. “From Neutrality to Praxis: the Shifting Politics of Ethnomusicology in the Contemporary World”. *Musicological Annual*, LJUBLJANA: Oddelek za muzikologijo Filozofske fakultete Univerze v Ljubljani, v. 44 n. 1, edited by Svanibor Pettan, p. 13–30, 2008. Disponível em: doi:10.4312/mz.44.1.13-30. Acesso em 2 mar 2012.

Araújo, Samuel et al. “Conflict and Violence as Theoretical Tools in Present-Day Ethnomusicology: Notes on a Dialogic Ethnography of Sound Practices in Rio de Janeiro”. *Ethnomusicology*, v. 50 n. 2, p. 287–233, 2006a. Disponível em doi:10.2307/20174454. Acesso em 6 dez 2011.

Araújo, Samuel et al. “A violência como conceito na pesquisa musical; reflexões sobre uma experiência dialógica na maré, Rio De Janeiro”. *Trans. Revista Transcultural De Música (Espanña)*, Num 10, 2006b. Disponível em <http://www.sibetrans.com/trans/articulo/148/a-violencia-como-conceito-na-pesquisa-musical-reflexoes-sobre-uma-experiencia-dialogica-na-mare-rio-de-janeiro>. Acesso em 26 out 2011.

Araújo, Samuel et al. “Sound Praxis: Music, Politics, and Violence in Brazil”. In: O’Connell, John Morgan; Castelo-Branco, Salwa El-Shawan (eds). *Music and Conflict*. Urbana, Chicago, and Springfield: University of Illinois Press, p. 217–231, 2010.

Araújo, Samuel et al. “Tendências e circuitos de consumo de música na Maré, Rio de Janeiro”. In: Herschmann, Micael (org). *Nas bordas e fora do mainstream musical; novas*



tendências da música independente no início do século XXI. São Paulo: Estação das Letras e Cores Editora, p. 329-357, 2011.

Araújo, Samuel et al. “É possível outro mundo? Pesquisa musical e ação social no século XXI”. In: Aharonián, Coriún (org). *Música/musicologia y colonialismo*. Montevideu: Centro Nacional de Documentación Musical Lauro Ayestarán, p. 159-180, 2011b.

Araújo, Samuel; Vincenzo Cambria. “Sound Praxis, Poverty, and Social Participation: Perspectives From a Collaborative Study in Rio de Janeiro”. *Yearbook for Traditional Music*, Slovenia: International Council for Traditional Music, XLV, p. 28–42, 2013.

Cambria, Vincenzo. “Etnomusicologia aplicada e ‘pesquisa ação participativa’. Reflexões teóricas iniciais para uma experiência de pesquisa comunitária no Rio de Janeiro”. *Anais do IV Encontro da Seção Latino-Americana do IASPM*, Rio de Janeiro, Universidade Cândido Mendes/Pontifícia Universidade Católica/Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2004. Disponível em www.iaspmal.net/wp-content/uploads/2011/12/VincenzoCambria.pdf. Acesso em 23 out. 2011.

Cambria, Vincenzo. “Novas estratégias na pesquisa musical: pesquisa participativa e Etnomusicologia”. In: Araújo, Samuel; Paz, Gaspar; Cambria, Vincenzo (eds). *Música em Debate: Perspectivas interdisciplinares*. Rio de Janeiro: Mauad X, p. 199–211, 2008.

Cambria, Vincenzo. *Music and Violence in Rio de Janeiro: a participatory study in Urban Ethnomusicology*, 2012. Tese de Doutorado. Middletown, Connecticut: Wesleyan University.

Harrison, Klisala. “The Second Wave of Applied Ethnomusicology”. *MUSICultures*, v. 41 n. 1, p. 57–72, 2014.

Miguel, Ana Flávia. *Skopeologias. Música e saberes sensíveis na construção partilhada do conhecimento*, 2016. Tese de doutorado. Departamento de Comunicação e Arte, Universidade de Aveiro.

Rice, Timothy. “Ethnomusicology in times of trouble”. *Yearbook for Traditional Music*, v. 46 (Jan), p. 191–209, 2014.

Silva, Alexandre Dias. *A MARÉ NO RITMO DAS ONGS: Uma análise sobre o papel das oficinas musicais de Organizações Não-Governamentais no bairro Maré/Rio de Janeiro*, 2011. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.



Entrevistas

Carvalho, Elza, 6 de fevereiro de 2012

Nascimento, Diogo, Rio de Janeiro, 6 de fevereiro de 2012

Nascimento, Mariluci, Rio de Janeiro, 8 de fevereiro de 2012

Monteiro, Fábio, Rio de Janeiro, 8 de fevereiro de 2012

Moreira, Kleber, Rio de Janeiro, 13 de fevereiro de 2012

Silva, Alexandre Dias da, Rio de Janeiro, 13 de fevereiro de 2012

Silva, Dayana, Rio de Janeiro, 8 de fevereiro de 2012

Silva, Sinésio, Rio de Janeiro, 7 de fevereiro de 2012

Notas de campo. Rio de Janeiro, Brasil, 13 de fevereiro de 2012

Ana Flávia Miguel é investigadora na Universidade de Aveiro, e investigadora integrada no INET-md, Portugal. É doutorada em música/etnomusicologia pela Universidade de Aveiro, tendo tido como orientadora, Susana Sardo e como co-orientador, Samuel Araújo. Ganhou o Intangible Heritage Documentation Award no 6th Folk Music Film Festival e o prémio Research Day'14. Participou em diversos projetos de I&D nacionais e internacionais, dos quais destaca o Skopeofonia e o SOMA. Os principais domínios de estudo são a etnomusicologia aplicada e as práticas de investigação partilhada em estudos sobre música em Cabo Verde e em Portugal. É editora assistente da revista *El Oído Pensante*.